

Festival Retrospectivo

Acervo Digital

do

Cinema Francês

da

Walter
Silveira

Janerio – fevereiro 1962

UNIVERSIDADE DA BAHIA

CASA DA FRANÇA e CLUBE DO CINEMA DA BAHIA

apresentam

Acervo Digital

Festival Retrospectivo
do
Cinema Francês

janeiro - fevereiro 1962

Promoção da:

Embaixada da França

e

Cinemateca do

Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro

Patrocínio da:

UNIVERSIDADE DA BAHIA

Organização da:

Casa da França

e do Clube de Cinema da Bahia

Colaboração da:

Cinemateca Brasileira

A França é uma pátria cinematográfica, a primeira pátria.

Desde Paris, dezembro, 1895.

Aquêles filmes dos irmãos Lumière duravam um minuto. Nêles não havia mais que a reprodução do movimento real. No entanto, que extraordinária aventura ótica um trem, entrando numa gare, avançar do fundo para o centro da tela!

A imaginação de Georges Méliès, um fabricante de ilusões, ampliou o espetáculo. Acima da realidade, deveria valer o impossível, o absurdo, o feérico, o fantástico, o sonho.

Outros foram inventando o melodrama, a comédia, o desenho animado, o film d'art. Anônimamente ou com datas na história. Ferdinand Zécca, Émile Cohl, Le Bargy.

E veio o primeiro grande personagem do cinema. Max Linder. O cómico tão reconhecido quanto o trágico.

1914, uma guerra, interrompe a evolução da arte.

A crítica, em nascimento, duvida das possibilidades francesas para o cinematográfico. Não estaria na raça, malgrado a origem.

Mas, logo, nos anos 20, artistas jovens pesquisam até a alucinação, numa liberdade criadora total, o vanguardismo estético. Sua contribuição para a linguagem filmica torna-se tão importante quanto a do surrealismo para a literatura ou a do cubismo para a pintura.

A avant-garde não dissolve a tradição nacional. René Clair, que fizera "Entr'Acte", faz "Le Chapeau de Paille d'Italie": um vaudeville. Abel Gance, que partira do lirismo impressionista de "La Roue", historia "Napoléon" "vu par Abel Gance": com o revolucionarismo técnico da tela triplíce.

O advento do som determina nova parada. Em seu pânico, sucedem-se alguns anos de mediocridade de criação. Só um outro jovem, de vanguardismo mais essencial, engrandece o período crítico do falado com a sua rebelião temática: Jean Vigo, o de "Zero de Conduite".

Os anos 30 ainda vão ser fecundos e brilhantes. O renascimento começa em 1934. Com Jacques Feyder, Jean Renoir, Marcel Carné, Julien Divivier, Marcel Pagnol, a escola naturalista alcança o esplendor. O espírito da França,

entre o Front Populaire e a invasão nazista, acha no filme sua atmosfera característica.

Durante a guerra, a Resistência não pode comunicar-se pela indiscreção pública do cinema. Uma corrente de romantismo, certo refinamento estético, arguciosa inatualidade dos problemas correspondem a disfarces simbólicos de insubmissão ou a atitudes demissionárias de conformismo. Aparecem Jacques Becker, Robert Bresson, Autant-Lara, Clouzot. Mas, unicamente Marcel Carné, com a metáfora intemporal de uma lenda, "Les Visiteurs du Soir", ou a evocação estilizada do século XIX dentro de um boulevard, "Les Enfants du Paradis", mantem toda a grandeza da França cinematográfica.

Nos últimos dezessete anos, se permanecem os velhos mestres, outros se incorporam a eles, destacadamente René Clément e Jacques Tati: o drama naturalista ("Jeux Interdits" e "Gervaise") e a comédia burlesca ("Jour de Fête", "Les Vacances de Mr. Hulot", "Mon Oncle").

E no rodizio das gerações, nomes brilham no alto: Alexandre Astruc, Georges Franju, Albert Lamorisse, Roger Vadim, Louis Malle, Claude Chabrol, François Truffaut, Jean Luc Goddard, sobretudo Alan Resnais. Significam um repovoamento em direções diversas.

Tão múltiplo é, agora, o sentido do cinema francês que nos escapa a uma definição em conjunto: há tantas tendências de estilo quanto de pensamento. Essa versatilidade não constitui um erro. Ser fértil não representa sempre ser desigual.

Simple exemplificação histórica, muito incompleta, a Retrospectiva re-produz em miniatura o grande e admirável painel.

WALTER DA SILVEIRA

Festival Retrospectivo do Filme Francês

Inauguração: 13 de Janeiro de 1962, às 20,00 horas

A criação do cinema

- a) "La cinématographie Lumière", de Paul Paviot, 1953
- b) "Le Grand Méliès", 1953 — Georges Franju
- c) "Le Magicien", 1898 — Georges Méliès
- d) "L'Homme à la tête de caoutchouc", 1901 — Méliès
- e) "Le voyage dans la lune", 1902 — Méliès
- f) "Le Royaume des fées", 1903 — Méliès
- g) "Hallucinations du Baron de Munchausen, 1911 — Méliès
- h) "Le Chevalier des Neiges", 1913 — Méliès

Se os irmãos Lumière inventaram o cinematógrafo, Méliès inventou o espetáculo cinematográfico. Com esses franceses começa a história mundial do filme. Os Lumière não eram providos de imaginação artística: suas fitas reproduziam linearmente a realidade. Méliès, mágico de início, foi estabelecendo, com intuição genial, todas as trucagens, toda a base da técnica, a fim de exprimir a sua fantasia. As biografias que Paviot e Franju ergueram aos criadores do cinema fazem compreender, com inteligência, a importância de sua contribuição à arte do século. E os seis pequenos filmes de Méliès estão entre os mais representativos das centenas que deixou, na maior parte perdidos.

2º programa — 14/1/62

- 1) Nascimento do drama:
 - a) "Les Victimes de l'Alcoolisme", 1902, de Ferdinand Zecca
 - b) "Un drame à Venise", 1906, dos estúdios Pathé Frères

2) Nascimento do cômico:

- a) "Le fils du diable à Paris", 1906, de Lépine
- b) "Boireau, homme en pain d'épice", 1908, de André Heuzé
- c) "Inconvénients du cinéma" — ano e autor não identificados
- d) "Teddy, garçon d'hôtel" — ano e autor não identificados
- e) "Onésime horloger" — 1912, de Jean Durand

3) Nascimento do desenho animado:

- a) "Drame chez les Fantoques", 1908, de Émile Cohl
- b) "Le retapeur de cervelles", 1910, de Émile Cohl

4) Nascimento do "Film d'Art":

"L'Assassinat du Duc de Guise", 1908, de Le Bargy et André Calmettes

Enquanto o drama vai sendo elaborado entre um naturalismo a Zola, do qual "L'Assommoir" é uma fonte temática, e um romantismo absurdo a Musset — em certo tempo, a literatura influenciou muito sobre os primórdios do cinema francês —, a escola cômica, surgindo com mais força, cria personagens de grande popularidade, repetidas numa série de filmes breves. Onésime e Boireau são dois deles, o último interpretado por um ator que teve fama internacional, inclusive no Brasil, André Deed. E se Émile Cohl é o pai indiscutível do desenho animado, com a síntese prodigiosa de suas transformações gráficas, Le Bargy e Calmettes, introduzindo no cinema o vedetismo e os temas nobres, através de uma fórmula teatral, estabelecem bases para a cine-dramaturgia, que homens geniais como Griffith e Murnau iriam, em Hollywood e na Alemanha, estudar, louvar e aproveitar.

3º programa — 16/1/62

A época dos pioneiros (II)

- 1) O drama naturalista:
"Les Victimes de l'alcool", 1911, de Gérard Bourgeois
- 2) O esplendor do cômico:
a) "Max et le quinquina", 1911, Max Linder
b) "Max et la inauguration de la statue", 1913, Max Linder
- 3) A pantomima, quarenta anos depois:
a) "Pantomimes", 1954, de Paul Paviot
b) "Jardin Public", 1956, de Paul Paviot

A partir de 1911, findo o ciclo dos "films d'art", o cinema francês tende para uma volta ao naturalismo, ao verismo seria mais certo, sob a denominação genérica de "La vie telle qu'elle est". A fita de Bourgeois tem um tom que a aproxima da futura escola neo-realista italiana. Mas, a grande figura de todo esse tempo é Max Linder, cujos filmes, algumas vezes, atingem uma perfeição chapliniana. O personagem elegante que criou teve, em certa fase, uma celebridade igual à de Sarah Bernhardt no teatro. Vindo do vaudeville, Linder

encarava a pantomima — percebe-se bem em "Max et le quinquina", sua obra-prima — como o fundamento do seu cômico. Daí, o interesse de conhecer um excepcional mimo contemporâneo como Marcel Marceau, a fim de achar-se a identidade entre as duas expressões do jogo interpretativo no teatro e no filme.

4º programa — 18/1/62

Do impressionismo ao populismo

- 1) "Fièvre", 1921 — Louis Delluc
- 2) "La souriante Madame Beudet", 1923, de Germaine Dulac
- 3) "La p'tite Lilie", 1927, de Alberto Cavalcanti
- 4) "Les Eloquentes", 1955, de Jacques Guillon

O tempo que sucede à primeira guerra mundial pertence, de início, a dois homens: Abel Gance e Louis Delluc. Este não se limita a ser o principal teórico do cinema francês, o sistematizador da crítica. "Fièvre" não corresponde, como realização artística, ao prestígio jamais perdido do doutrinador. Envelheceu mais como imagem do que as suas palavras. Caracteriza-o uma pintura do ambiente dramático, quase uma consequência dos personagens. Nem outro é o significado da fita de Germaine Dulac, embora de tom mais intimista, com reflexos simbolistas, metafóricos mesmo. E o pequeno drama poético do brasileiro Cavalcanti se dirige, uns poucos anos mais tarde, para um sentimentalismo populista de arrabalde. A presença de Abel Gance não fica nunca, porém, diminuída: os extratos de "La Roue" em "Les Eloquentes" — antologia curiosa de alguns mestres dos anos 20 — dão para revelar a força de sua sintaxe cinematográfica.

5º programa — 20/1/62

A avant-garde (I)

- 1) "Fait-Divers", 1923, de Claude Autant-Lara
- 2) "Entr'acte", 1924, de René Clair
- 3) "Ballet mécanique", 1924, de Fernand Léger
- 4) "Cinq minutes de cinéma pur", 1924, de Henri Chomette
- 5) "Un chien andalou", 1928, de Luiz Buñuel

Pode-se pretender que a revolução formal do vanguardismo francês foi a insurreição de uma minoria de artistas para uma minoria de espectadores. Seus filmes, revistos hoje, conservam mais, porém, do que o interesse histórico. A versatilidade de seus autores, cujos temperamentos tão diversos se unificavam apenas por um sentido de rebeldia total, apresenta, desde o divertissement burlesco de "Entr'Acte" até o surrealismo feroz de "Un chien andalou", uma audácia que não se perdeu: há, nos seus filmes, um grito de raiva impotente muito mais alto do que os brados de certos artistas mais próximos. O espanhol Buñuel talvez seja de todos o revoltado supremo.

6º programa — 21/1/62

A avant-garde (II)

- 1) "Menilmontant", 1924, Dimitri Kirsanov
- 2) "La Chute de la maison Usher", 1928, Jean Epstein
- 3) "La Zone" 1929, Georges Lacombe

A vanguarda francesa pôde abrigar, em seu período de ouro, tendências tão opostas quanto as de Kirsanov, Epstein e Lacombe. Reune-os apenas uma preocupação do "cinema puro". Porque são profundamente distantes a nostalgia lírica do primeiro, a inspiração fantástica do segundo e o documentarismo social do último. Dos três, tanto pelo significado quanto pelo estilo, só o sombrio noturno de Epstein, de natureza expressionista, não alcança o sentimento contemporâneo. A linguagem de Kirsanov e Lacombe ainda pode ensinar muito.

7º programa — 23/1/62

René Clair: o mestre

"Un Chapeau de Paille d'Italie", 1927

René Clair não realizou somente a obra-prima do cinema francês nos anos 20: "Un Chapeau" é considerado um dos maiores filmes do cinema silencioso. Inspirando-se num vaudeville de Eugène Labiche, Clair obtem uma admirável sátira da burguesia. Trata-se de uma comédia de perseguição, cujo movimento é incessante, cresce sempre, até converter-se num autêntico ballet. O espírito francês do vaudeville não impediu sua universalidade. Nunca posteriormente um outro cineasta teve tamanha concepção da graça cinematográfica.

8º programa — 25/1/62

O mar e a terra

- 1) "Gardiens de phare", 1929, de Jean Grémillon
- 2) "Goemons", 1948, de Yannick Bellon
- 3) "Le Tempestaire", 1947, de Jean Epstein

Jean Grémillon foi o cineasta do mar. Em "Gardiens de phare" esse elemento da natureza aparece menos que em "Tour au large" e "Maldonne". Inspira, entretanto, o drama dos dois prisioneiros de um farol sem comunicação com o mundo. Audaciosamente, o filme só tem esses heróis e sua ação fica circunscrita às escadas do farol durante oitenta minutos de intensa beleza. Num plano diverso, mas preso à mesma região da França, a Bretanha, o documentário de Yannick Bellon descreve uma natureza tão áspera e difícil quanto a revelada por Epstein: ventos fortes lutam com o homem numa resistência tematicamente bela como motivo cinematográfico.

9º programa — 27/1/62

Dois cineastas marginais

- 1) "L'Atalante", 1934, de Jean Vigo
- 2) "Crin Blanc", 1953, de Albert Lamorisse

Muitos têm Jean Vigo como uma das maiores personalidades do cinema francês, senão do mundial. Ele não pôde dar, contudo, a total medida de sua força. Morreu aos 29 anos, enfant terrible, filho de um anarquista, sem haver feito mais que quatro filmes, só um de longa metragem, "L'Atalante". Tendo vivido artisticamente no período posterior à avant-garde e anterior à fase de ouro da França, período marcado por um evidente declínio, Vigo, cineasta entre duas épocas, trabalhou à margem de qualquer tendência do seu país. Maldito por longo tempo, com filmes apreendidos, está agora na admiração do mundo inteiro. Não maldito assim, mas realizando suas obras também numa inteira marginalidade, Lamorisse, o de "Le Ballon Rouge", deve ter em "Crin Blanc" sua obra-prima. Como em Vigo, há um poético da paisagem e dos costumes em Lamorisse, situado entre o sonho e a realidade.

10º programa — 28/1/62

Jean Renoir: outro mestre

- 1) "Une Partie de Campagne", 1936-40
- 2) "Le Crime de Mr. Lange", 1936

Como tanto se tem dito, a obra de Jean Renoir se desenvolveu como um quadro da França contemporânea. Ao modo impressionista, seguindo um conto de Maupassant, "Une Partie de Campagne" é um breve e amargo idílio campestre. Já "Le Crime de Mr. Lange", de vocação populista, trata, com humanismo, dos problemas e ideais dos humildes. Era a época do Front Populaire, de pensamento para a esquerda. Renoir o exprime aqui, com uma simplificação formal quase absoluta.

11º programa — 30/1/62

Marcel Carné: terceiro mestre

"Le Jour se lève", 1939

Ao contrário de René Clair, Marcel Carné não é o criador dos temas que visualiza. Há quem diga, por isso, que, autor incompleto, seus filmes devem muito a Jacques Viot ou a Jacques Prevert, argumentistas habituais. Impõe-se, contudo, reconhecer que há um estilo em Carné, e ele se acusa com tema deste ou daquele. Curiosamente, em "Le Jour se lève", o original é de Viot e a adaptação de Prevert. Processando-se em retrospectos, há um rigor extraordinário na construção, em dois tempos paralelos: o passado e o presente, o assassinato e o suicídio. Cumpre-se como uma tragédia.

12º programa — 1º/2/62

Sob a França ocupada (I)

"Le Corbeau", 1943, de H. G. Clouzot

Segundo na carreira do seu realizador, dentro da linha serie noir da maioria dos outros, esse filme valeu a Clouzot um ostracismo de anos, sob a imputação de servir à causa do ocupante nazista, mostrando uma pequena cidade francesa sob seus aspectos mais negativos. Real ou não, agora não importa. Indaga-se apenas sobre a permanência estética. E Clouzot, de qualquer modo, em vista de "Le Salaire de la Peur", é um cineasta que conta.

13º programa — 3/2/62

Sob a França ocupada (II)

"Les Visiteurs du Soir", 1942, de Marcel Carné

A intriga medieval em que os sortilégios do Demônio são vencidos pelo amor, num ritmo de legenda, associou Carné e Prevert como jamais antes: é um estado de poesia. Não obstante a desejada lentidão, ou talvez em virtude dela, o filme alcança mais do que uma emoção dramática, uma emoção puramente plástica, intelectual. A cultura francesa sobrevivia, inteira, nessa canção de gesta. Os franceses oprimidos pelos alemães viram no drama a insubmissão corajosa da pátria, simbolicamente representada.

14º programa — 4/2/62

As novas gerações

- 1) "Guernica", 1950, de Robert Hessens e Alan Resnais
- 2) "Nuit et Brouillard", 1956, de Alan Resnais
- 3) "Hôtel des Invalides", 1951, de Georges Franju
- 4) "L'Enfer de Rodin", 1959, de Henri Alekan
- 5) "Un atome que vous veut du bien", 1960, de Henri Gruel
- 6) "Terrain Vague", 1959, de Marcel Martin
- 7) "Soleils", 1960, de Carlos Vilardebo

A curta-metragem talvez seja o campo mais essencial das experiências artísticas. Permite uma ampla liberdade criadora. E dela têm partido, no passado e no presente, alguns dos cineastas mais excepcionais. Nem há país em que mais se valorize a função da curta-metragem como a França. Cada ano, se revelam ou se confirmam novos autores. Agrupados ou isolados, são múltiplos as suas tendências. Com raríssimas exceções, todos os integrantes das gerações mais recentes passaram por esse caminho. E deixaram obras-primas, como exemplifica o programa.

15º programa — 6/2/62

O cinema e a infância

- 1) "Gazouilly, petit oiseau", 1953, de Starevitch
- 2) "Le chat, la belette et le petit lapin", 1959, de Jean Touranne
- 3) "Carroussel Boreal", 1959, de Starevitch
- 4) "Propre à Rien", 1959, de Marc de Gastyne
- 5) "L'Ile aux Oiseaux", 1959, de Marc de Gastyne
- 6) "Des Hommes dans le ciel", 1959, de André Suire

Há, na França, toda uma escola de filmes para a infância, embora a independência pessoal de seus criadores, quanto à concepção e ao estilo. Nesses filmes, às vezes feéricos, às vezes míticos, jamais dominam a violência e a astúcia, como se tornou típico nos desenhos animados de outros países. Starevitch emprega bonecos como personagens, Jean Touranne pequenos animais, Marc de Gastyne as próprias crianças. O sentimento do mágico reúne os três. E a beleza que, no caso, também se chamaria pureza.

Acervo Digital

Walter da Silveira

S. A. Artes Gráficas — Imprimiu

Invól.: 043.6